

Intervenção no decorrer do almoço comemorativo do 43º
aniversário do 25 de Abril – Almada 2017



DE ABRIL, COM ABRIL, POR ABRIL! COM O POVO
PORTUGUÊS, SEMPRE!...

Sr. Presidente da Câmara de Almada

Camaradas, companheiras, companheiros de lutas e
combates tamanhos, muitos e infindos.

Por convite das Associações de Oficiais, de Sargentos e
de Praças e dos clubes Militares eis-me, aqui, perante
vós, para continuar Abril.

As palavras, os sentimentos e os pensamentos que vos quero transmitir são, em minha consciência, as que recolho da minha alma e coração em simbiose com o povo, que encontrei e encontro nestas terras de Portugal, no ambiente de Abril, as que recolho daqueles jovens militares e civis do 25 de Abril, mas também de todos os nossos camaradas que estão no cosmos, desde logo, do jovem Casquinha, assassinado por Novembro, no Escoural, tinha 17 anos de idade, e em igualdade de propósitos do Ti Jaime, de Vendas Novas, Carlos Fabião, Vasco Gonçalves, Major Borrega, Capitão Miranda, Major Gil, Capitão Salgueiro Maia.

E eia o que me diz este nosso Abril - o Abril feito pelos militares e o povo que no Pragal, Cristo Rei, pelas 7 h daquela madrugada - uma das maiores de Portugal, tão grande, como a do nascimento de Portugal, a dos descobrimentos e de 1640 - logo, ali, escreveram a página incruenta da História: Militares e Povo unidos são a Vitória da Liberdade, da Dignidade, do Desenvolvimento e da independência nacional, e, ainda, mais o foi, porque, como sabem todos os combatentes militares, uma força motivada e alimentada é invencível, e, do nosso bem estar alimentar, de 250 homens, bem cuidou, a gloriosa população do Pragal que montou logo de manhãzinha uma cozinha de campanha. Facto histórico imortal que, uma vez mais, desafio a Câmara de Almada a materializar ,através de um memorial, onde , esteja o obus 8,8 da Escola Prática de Artilharia; o grande soldado Cardinali que já partiu, representando-nos a todos, e que vinha armado com uma instalaza sem a saber utilizar, mas o porte soberano e a boina em vez de bivaque, como o seu tenente, eram muito; e o sentido

materno e indómito da mulher portuguesa a alimentar os soldados de Abril. Espero que antes da eternidade se escurecer, este memorial ilumine Portugal e consolide em pedra e aço esta memória que reside nos nossos corações.

Mas, tudo o que captamos, sentimos e vivemos leva-nos a que antes de mais, neste solo sagrado da cova da Piedade, e nestes territórios de Almada, Barreiro e Além Tejo, saudemos as muitas e sacrificadas lutas que aqui se travaram, para que a liberdade fosse luz, e também uma recordação indelével, imortal, de todos os militares que durante 40 anos disseram não ao fascismo, desde logo, o general Sousa Dias com a revolta da Madeira no início da década de 30, onde, participaram a minha avó e mãe, levando subsistências para casa, eram pobres; a revolta de 36 dos Marinheiros, e, ainda, Humberto Delgado, Henrique Galvão, a abrilada de 1961, e o assalto ao quartel de Beja, em que é ferido Varela Gomes. Nesta revolta também participa um madeirense, o capitão Pestana, que ainda conheci nos tempos da minha deportação para a Madeira, decretada pelo Sr. General Eanes e consentida pelos vitoriosos de Novembro, que só podia ter por objectivo entregar-me, como denominado comunista, por causa da Reforma Agrária, aos vitoriosos fascistas de Novembro congregados nas organizações bombistas.

Todavia, certo, certo, é que estamos vivos, e que hoje por mais cambalhotas que possam dar, quererem confundir os tempos políticos e da governação de agora com algo que se assemelhe a uma vitória longínqua do 25 de Novembro é de uma brutalidade ignominiosa, porque a aliança pós 25 de Novembro era dominada por um pensamento e acção contra o povo, contra a Revolução. Revolução que

nunca podia ser, ou pode ser meras correcções de forma nas desumanidades a que sujeitam tanto povo, e a que, de um modo odioso nos submeteu esse tenebroso governo de Pedro Passos Coelho, numa governação contra o POVO.

Camaradas, Companheiras e Companheiros

Abril comemora-se e evoca-se para não ser esquecido, porque é fonte de vida e vitalidade, e, sobretudo, Abril vive-se do modo que aqueles invictos militares e o povo o realizaram: sem medo, sem cangas, com ousadia. Quem não for capaz de seguir ao lado deste magma de amor a Portugal, não é digno daquela gesta, da gesta dos jovens militares que já no solo da Guerra, como no meu caso, em Novembro de 1972, dizia, por aerograma a outro alferes do meu curso, Custódio Pereira, que no nosso regresso tínhamos de levantar os tenentes e alferes contra aquele estado de coisas: uma guerra injusta, num lá longe -Angola, que não era Portugal, e havia mesmo na zona do café de Mucaba escravatura encapotada, o que, alguns responsáveis da Nação fingem desconhecer, mas que também, há poucos anos, acontecia para os lados de Odemira. Então, pensei que estas ideias de uma cabeça de 24 de idade e dois de oficial eram pura loucura, porém, assim, não foi, e em 73 inicia-se o movimento dos capitães.

O movimento dos capitães é a explosão de todo o vulcão de descontentamento com o regime fascista - realmente um regime fascista de acordo com as grelhas de estudo ensinadas nos cursos de sociologia do ISCTE- nestes tempos de conspiração de 73 a 74, vi surpreendido,

verdadeiramente surpreendido, este vulcão a formar-se nas posições vigorosas do capitão Domingos da ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA, quando o poder nos tentava subornar, através do secretário de estado do exército; vi-o, com espanto, no vigoroso discurso de Vasco Lourenço no Monte do Sobral, vi-o, senti-o e vivi nas reuniões na casa do Salgueiro Maia com os camaradas da Escola Prática de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Paraquedistas e CIAAC.

Nestas reuniões a ordem de batalha tinha dois pontos: mudar o regime pela força das armas, para uma democracia e acabar a guerra. Estávamos em Novembro de 1973 e estes propósitos eram indubitáveis, como o eram os da Escola Prática de Artilharia que nunca se renderia sem um alto preço: comuna de Vendas Novas, partir o país ao meio; ou um bombardeamento arrasador à siderurgia nacional, o que, alguns de nós voltamos a colocar como hipótese no caso de sermos derrotados em Abril.

Na Escola Prática de Artilharia vivia-se este vulcão e, assim, no 16 de Março 74 tivemos prontos para vir para a desventura do Golpe inspirado na figura de Spínola, mas comandado militarmente, parece, segundo, o capitão Ramos, que chefiou a coluna das caldas, às três pancadas por Otelo.

Não viemos e outros também não, e com inteligência e coragem se retomou o caminho de Abril, no rumo traçado na reunião de Cascais de 5 de Março de 1974, em que tomamos a decisão irreversível (as palavras de honra e irreversível eram nobres e honradas... coisas...) de avançar, contando com a importante neutralidade activa garantida da Força Aérea.

Chegou finalmente aquele dia, o dia 25 de Abril, o Dia D, e, deste modo, sem nenhum atraso, à hora exacta, às 22 h 55' do Dia 24 de Abril 74, ao som da senha do movimento: faltam 5 minutos para as 23 horas, vai cantar Paulo de Carvalho a canção- *E Depois do Adeus*, a equipa que chefieei composta pelos meus camaradas Henrique Pedro e Sales Grade, este, um pacifista que substituiu um operacional que não estava onde a história o determinava - aconteceu, acontece-, e, desta feita, esta imortal equipa - assim o proclamo, porque, deste modo, o penso, com razão funda - voou para a História de Portugal e do Mundo, quando assaltámos com armas em riste o gabinete do Comandante, levado para uma reunião “armadilha”, após o jantar, a fim de combinar pormenores para a visita que o Ministro do Exército no dia 25 de Abril 74, ia fazer à unidade - facto que revela a normalidade anormal em que vivia o regime - e, como diz Costa Gomes, esta foi a grande sabedoria do Movimento de Capitães: salvaguardar a surpresa.

Nesta preparação e no comando na Pontinha, Otelo Saraiva de Carvalho foi um inesquecível comandante, sublinho, a quem a Escola Prática de Artilharia deu ânimo, face ao borreganço de Infantaria 1. À hora certa, entramos na Revolução e, até às 0 20' do dia 25, devemos ter sido os únicos com a unidade sob o nosso comando efectivo. Desde as 23h os comandantes estavam detidos em quartos guardados por dois oficiais milicianos: os Alferes Vargas e Correia.

Saímos de Vendas Novas pelas 3 horas da madrugada, vínhamos armados até aos dentes, com granadas de obuses (canhões), munições de espingarda, lança-

granadas foguete, granadas ofensivas e de fumos. Permitam-me que declare que na Escola Prática de Artilharia nada ficou ao acaso, e tivemos a maior disponibilidade de todos os oficiais, sargentos e praças do Serviço Militar Obrigatório- os milicianos, aqui, neste almoço, condignamente representados pelo nosso camarada Furriel Victor Pássaro que esteve no Pragal, e nos acompanha nestas batalhas, bem como, de mulheres extraordinárias, como a Adelaide, mulher do nosso camarada Ferreira de Sousa e a Amélia mulher do nosso camarada Alferes Miliciano Correia.

A noite de 25 de Abril 74 foi longa, gelada, difícil, solitária, perigosa, silenciosa e escura, para quem estava a combater e na marcha histórica:

para o Futuro,

ou para o Inferno - a morte, os Tarrafais,

o que, muitos, vergonhosamente, esqueceram.

Não houve nenhum Milagre de Santa Maria ou de outrem: Santo ou Beato, houve o “milagre” da ousadia, da coragem, do patriotismo - genoma de Abril.

Mas o Alvorecer no Pragal foi radioso, embora, a indiferença inicial do povo daqueles caminhos fosse de gelar a motivação, porém, o POVO não tardou a dizer presente, e nós sentimos: **VENCEMOS!**

No Pragal estivemos prontos para proteger Salgueiro Maia dos tiros de morte da fragata Gago Coutinho, mas a questão resolveu-se, porque na fragata o corajoso

MFA estava presente, e num acto que nunca pode ser esquecido, o imediato da fragata, o nosso camarada Caldeira Santos, aqui presente, tirou o comando ao comandante Louçã, evitou os tiros, e, também a entrada em grande na História, quiçá, em tragédia, da Escola Prática de Artilharia, mas bem-hajas Caldeira Santos, evitaste a abertura da caixa de Pândora, e o mesmo fizeram o Alferes Sottomayor e o cabo apontador José Costa, ao não dispararem sobre Salgueiro Maia, às ordens tresloucadas do Brigadeiro Junqueira dos Reis, quando heroicamente Salgueiro Maia enfrenta os carros de combate de cavalaria 7. É, de facto, neste triângulo com 4 lados, anormal, mas o triângulo da EPC, Cavalaria 7, Fragata e EPA que, na minha opinião, se decide a vitória e a natureza da Revolução de Abril sem sangue -

EIA A VITÓRIA!

O mais contam as parcas TV e comunicação social da altura, todavia, apesar desta narração referir-se a um acontecimento histórico, que movimentou militares e povo em todo o país, com acções heroicas como entre as de outros: do Dinis de Almeida no centro país, do Delgado da Fonseca a norte, a espantosa acção de Costa Martins no aeroporto de Lisboa, a libertação dos presos políticos, circunstâncias que fazem deste acto militar e do povo, em si mesmo, um acontecimento de uma dimensão consentânea com os nossos nove séculos de história. Contudo, esta narrativa factual não define completamente Abril, e precisa de ser completada com a sinalização de quão são diferentes os militares que regressam aos quartéis, depois destes dias no teatro de operações e, em consequência, nascem:

A REVOLUÇÃO, OS ATAQUES À REVOLUÇÃO, A SUA MORTE, a DESCOLONIZAÇÃO e, ainda, os hojes.

Camaradas, Companheiras e Companheiros

No regresso, como acontece nos acontecimentos de grande luminosidade, revelação, uns vinham com as suas almas e corações incandescentes de paixão e amor pelas causas sagradas do povo e do RENASCER da Pátria, ouviram o povo, ouviram o país e interpretaram o grito que vinha das entranhas desta terra: RENASCER PORTUGAL, RENASCER POVO – REVOLUÇÃO. Outros, a maioria, ouviram o seu silêncio que lhes dizia que no dia seguinte a rotina militar e profissional continuaria e, assim, foi. Alguns destes, como nossos camaradas e, mesmo, amigos, avisaram-nos várias e repetidas vezes:- não se metam nisso, vão ser lixados! Também cedo o percebemos, disse-o, quando um meu camarada e amigo me recordou que fora da arca de Noé de Novembro não tinha hipóteses. Sabia-o.

Contudo, é preciso dizer aos contra-revolucionários - que até se dizem revolucionários e que somente não concordavam com o caos, como ninguém, isto é, com a palavra de ordem com que alguns contaminaram a frágil autoridade revolucionária - de que os trabalhadores, os soldados tinham sempre razão- palavra de ordem desonesta que nunca o MFA a podia ter defendido, como em alguns sectores parece ter acontecido.

A nova liberdade só garantia, e só pode garantir a audição dos anseios do povo e o esforço para satisfazer os

legítimos, então, dentro dos parâmetros da legitimidade revolucionária, logo, um não ao caos, mas também um não à ideia burocrática que os burocratas tinham e têm, porque lhes falta terreno e contacto com a realidade, de que as transformações sociais podem ser sempre pensadas pelas suas mentes e executadas pelos seus mercenários. Numa revolução, o papel do povo é nuclear, central, decisivo, embora, a atitude dos seus aliados e dos intelectuais revolucionários, não possa ser o de meros espectadores que, por condicionamento, só digam - Sim!

A Revolução com o povo e o MFA ia-se fazendo e, foi, algumas vezes, naturalmente, excessiva, mas controlada e controlável, não fossem as alianças contra-natura de sociais-democratas com extremistas da direita, sendo também certo que de, igual modo, funcionaram mal as alianças dos que defendiam a Revolução da aliança POVO-MFA, com partidos e outras organizações, que por diluição da sua substância cinzenta ou jogo duplo também promoviam o caos.

A falta de direcção politico-militar da revolução permitiu que esta também se degradasse a nível interno do país e, dentro das forças armadas, facto que logo conduziu às tentativas de repor a velha ordem, embora, remodelada, e teve os seus episódios, na manifestação da maioria silenciosa, no 7 Março 75, em Setúbal; no 11 de Março; no assalto à embaixada de Espanha; no cerco ao parlamento. Cadeia de factos que culminou no 25 de Novembro 75, em que os seus mentores, se dialogaram com Otelo, nunca o fizeram com os chamados gonçalvistas, e não o fizeram ou por medo do que

chamavam a ditadura comunista, ou por pura sabotagem à Revolução da aliança Povo-MFA. Embora, tenha a minha convicção formada, outros deveriam, por serem mais competentes, estudarem os factos e tirarem as melhores conclusões.

Seja como for, durante um pouco mais de um ano de Revolução, fizeram-se conquistas muito importantes que ficaram lapidarmente consagradas na Constituição de 1976, desde logo, pelo acolhimento que se dá ao MFA no preâmbulo da Constituição, mas também pelos direitos e garantias dos cidadãos consagrados, e, ainda, pela constitucionalização de uma reforma agrária quase completamente colectivizada que nunca esteve sequer nos objectivos do MFA, durante o tempo que foi em Portugal e, nomeadamente, no Alentejo, uma força promotora de progresso, mudança de políticas, destruição da estrutura de poder anterior e do desenvolvimento social defendendo: a habitação; o trabalho; a dignidade; o acesso à cultura, à saúde e à formação profissional, como direitos fundadores de Abril, para impulsionarem a mobilidade social, e, também, o MFA foi promotor das batalhas de produção, nomeadamente, na agricultura com melhores linhas de produção e produtividade. A todos estes horizontes o povo foi impedido de chegar mais longe, pelas forças da direita, inimigas da justiça social, que por razões ideológicas, mas também de carácter inter pessoal contaram e têm contado com os que nunca deviam ter trocado o bem-estar dos portugueses e de Portugal para melhor partilharem, sempre, como mordomos, a título pessoal, na redistribuição da riqueza imoralmente milionária do capital financeiro mundial e, assim, no seu interesse pessoal, com pós-verdades e com a vergonhosa

colaboração/influência de alguns Bispos portugueses cangaram a revolução. Mas resistimos, do que são alguma prova estas palavras e, sobretudo, o nosso querer e o nosso grito PRESENTES E PRONTOS!

Também, não foi sem dor que a maioria dos militares do MFA, que com a sua utopia tinham sonhado um Portugal federalista, viram que mais nada podiam fazer perante o impeto dos movimentos de libertação, as nossas fragilidades internas muito agravadas pela acção contra-revolucionária do MRPP e a esmagadora pressão internacional, que nos obrigou a sair depressa e em força de Angola e Moçambique, provocando uma grande tragédia para milhares de portugueses retornados e outros refugiados.

Foi doloroso tantas pessoas terem sofrido tanto, foi doloroso e um pesadelo a guerra civil que se sucedeu naqueles países. É uma dor não ver aqueles países a se desenvolverem, mas é uma grande honra ter restituído aqueles países ao mundo, para que se cumpram, e é também um orgulho maior ver tantos desses portugueses com Abril, porque compreenderam a história, e sabem que o resultado daquela descolonização é uma consequência dramática do nosso colonialismo- também ele severo e inumano.

Camaradas, Companheiras, companheiros

Abril é honra, glória, nobreza, um comportamento ousado e livre, um verbo sem pós-verdades, e, onde, as palavras medo, cobardia traição não podem existir que não seja para atribuir aos borrados indignos da gesta que com o

povo levamos a peito, e queremos continuar, derrogando confusões, transmitindo aos jovens o nosso legado, e fazendo-lhes sentir que sem liberdade, dignidade, desenvolvimento as velhices estão ameaçadas, mas bem mais ou tão grave assim, pode escassear a dignidade, como marca, nas vidas vindouras.

Sr. Presidente da Câmara de Almada, Camaradas, Companheiras e Companheiros de Abril

Abril em Portugal e no mundo não pode ser simulacros, fingimentos, jogos de bastidores em vários tabuleiros ao mesmo tempo, só pode ser Abril do Povo, com o Povo e para o Povo, como a matriz primeira da vontade do nosso povo registou - a Constituição de 1976.

Os caminhos do futuro só podem ser os genuinamente de Abril, estejamos pois, alerta, despertos, vivos e sempre PRESENTES E PRONTOS para defender o PORTUGAL RENASCIDO, EM ABRIL, e muito maltratado nestes entretantos, e sem deixarmos de saudar o actual tratamento de algumas feridas, antes em carne viva e infectadas que se vão sarando, temos de ir sempre mais além na divulgação e implantação dos valores de Abril, para não voltarmos a ser atacados pelos ódios dos subhumanos que não respeitam as mulheres e os homens de Portugal, isto é, não nos respeitam.

É uma honra, um património imortal, ser, estar, viver com Abril e com o povo Português. Interiorizemos esta grande força e o Portugal de Abril vencerá!

Sem dúvidas, sem tibieza, sem me moldar à circunstância conveniente, mas por força da essência da verdade de Abril, bem alto, com a lealdade militar- GRITAMOS E ALEVANTAMOS AS NOSSAS VOZES BEM ALTO, PROCLAMANDO :

Viva o povo e os militares de Abril !

Viva a juventude que acompanha e constrói Abril - é heróica -Viva!

Viva a Diáspora Portuguesa, onde, em cada esquina há Amigos de Abril e seus Grão- Capitães sempre presentes nos nossos Corações e Almas! Viva!

Viva a mulher portuguesa mãe e protectora da Mãtria - Viva!

Viva o Poder Local, aquele que mais tem efectivado e continua a construir Abril!

Viva e persista a imaterial e imortal certeza de que - enquanto houver uma mulher, um homem de Abril ou um seu filho, neto,bisneto ,ou um seu qualquer descendente com alma e coração de Abril, ou seja, da Liberdade, Dignidade, Justiça - jamais nenhuma gentalha do dinheiro, dos que esvaziam os nossos bancos e depois pagamos os saldos negativos, dos contrabandos de capitais, armas e pessoas, do fascismo, das pós-verdades - vencerá o imortal e imaterial Abril que hoje comemoramos e há-de ser vivido - mais vida - quando, o algo maior acontecer, ou seja - a conclusão da utopia de Abril - UMA SOCIEDADE LIVRE,

JUSTA, FRATERNA, SEM DESIGUALDADES
AVILTANTES E IMORAIS .

EIA - O PORTUGAL, A MÁTRIA DE TODOS OS
PORTUGUESES DIGNOS,
HONRADOS, TRABALHADORES, LIVRES NUNCA
MORRERÁ -VIVA!

Viva Portugal Independente, Livre, Justo e Solidário.
VIVA!

25 Abril 2017

Andrade da silva.

PS:

Foi lida no início da intervenção, a Mensagem do
Comandante Serafim Pinheiro, agora,
na nossa Diáspora na Suécia, então, fazia parte da casa
militar do general Costa Gomes:

Com abraços camaradas, aqui, estou com os militares e
o Povo de Abril, e, hoje, particularmente contigo, meu
coronel, porta-voz da verdade do digno MFA e dos guiões
da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade no caminho
da Revolução social e política em Portugal e na Europa.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

Serafim

PS: SMS recebido às 7 h do dia 23 de Abril 2017. Às 7 horas do dia 25 de Abril 74, chegámos ao Pragal-Cristo Rei.